

A DINÂMICA DO POLO DE CONFECÇÃO: EXPRESSO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE TORITAMA-PE

**Allan Bastos de ARAUJO¹; Antônio Henrique Bernardo Souza e SILVA²;
Heverson Douglas da Costa NASCIMENTO³; Jetson Martins dos SANTOS¹
Wanderson Paulo Melo da SILVA¹; Priscila Felix BASTOS**

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia

E-mail: allan.bastos@upe.br

E-mail: antoniobernardosouza@upe.br

E-mail: heverson.costa@upe.br

E-mail: jetson.santos@upe.br

E-mail: Wanderson.paulo@upe.br

²Professora do curso de Licenciatura em Geografia

E-mail: priscila.bastos@upe.br

INTRODUÇÃO

No agreste pernambucano está situado um grande polo industrial voltado à prática das confecções e do beneficiamento têxtil. Este polo se distribui em três núcleos principais: Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. A origem deste arranjo produtivo remonta a década de 1950, quando a economia do agreste era tipicamente voltada à agricultura e a pecuária extensiva (Corrêa, 1985). Todavia, a configuração a que o agreste se encontrava à época não permitia que essas práticas de subsistência perduraram ao longo do ano.

A dificuldade em relação à convivência com o semiárido, existia na problemática das secas. Segundo Bezerra (2002), a capacidade de chuva anual em boa parte do nordeste é irregular, com alta incidência solar e temperatura elevada, todo esse conjunto propicia a evaporação nos corpos hídricos existentes, causando transtornos a quem necessita do uso exclusivo do solo para sobreviver.

Diante das dificuldades enfrentadas, o agreste pernambucano, especialmente o alto do Capibaribe, adaptou-se à sua realidade socioeconômica por meio da confecção de retalhos, conforme aponta Milanês (2019). Surgiram então as primeiras peças (calças, camisas, lençóis), inicialmente comercializadas nos núcleos locais. As chamadas “feiras da sulanca” expandiram-se pela região, impulsionada pelos preços acessíveis e a produção em larga escala, consolidando na rota da confecção e suas difusão para além da escala regional.

DESENVOLVIMENTO

Para atender à crescente demanda de compradores, o poder público, em articulação com a iniciativa privada, promoveu transformações na estrutura urbana de Toritama, com foco na melhoria da infraestrutura e na organização do comércio local. Essas mudanças, entretanto, revelaram desigualdades entre os diferentes espaços da cidade, refletindo tensões entre os interesses estatais, privados e da população. Nesse cenário Barros (2009) diz que, Toritama se consolida como um dos principais polos de confecção do Brasil, sendo responsável por 16% da produção nacional de jeans. O município abriga aproximadamente 2.500 indústrias, gerando mais de 15 mil empregos diretos. Com um faturamento superior a 453 milhões de reais por ano e possuindo uma economia local crescendo em ritmo superior à média nacional.

Portanto, a realidade intrínseca ao polo confere a um pensamento de como as cidades são formadas pela lógica capitalista da produção do espaço. O capital, por sua vez, é “organizado e articulado” Corrêa (1989), e permite a possibilidade de exercer sua dominação nos mais diferentes espaços. Entretanto, a produção desse espaço dá-se por meio da interação de diferentes agentes que estão postos dentro do recorte espacial, trazendo consigo suas peculiaridades e diferenças.

Trago a essa discussão o intermédio de dois deles, a iniciativa privada e o estado na esfera municipal, o cerne da questão exemplifica-se na realidade da cidade de Toritama – PE, onde ambos os agentes andaram provocando várias mudanças na paisagem urbana. A exemplo da mudança incentivada pelo executivo de tirar os feirantes da frente do polo, e serem realocados para outros lugares, conforme a imagem 1 e 2 retrata a seguir.

Imagem – 1 A feira de Toritama



Fonte: Google Maps, 2018

Imagem 2 – Nova Feira de Toritama



Fonte: Dos Autores, 2025

Ambas as imagens reafirmam a preocupação do poder público vigente em retirar aqueles feirantes que ali estavam situados em frente ao polo parque das feiras, e realocá-los para as adjacências do entorno. Deixando o foco principal o aparato da iniciativa privada. O problema é que essa realocação foi proposta em ruas de passagem ao lado do polo, concentrando e apertando todos os comerciantes em três espaços que não tem a mínima condição de mantê-los, a justificativa que mascara a real intenção foi a organização da feira. A imagem 3 expressa como essa organização está posta diante do espaço urbano.

Imagem 3 – A reorganização da feira



Fonte: Dos autores, 2025

A justificativa proposta pelo agente privado, não condiz com a realidade que os feirantes perpassam. A um simples olhar, a dimensão exprime uma rua coberta subdividida em centenas de boxes, que se aglomeram com clientes e vendedores. O que se vê na realidade é uma segregação do espaço público em detrimento da propriedade privada.

OBJETIVO GERAL

- Observar os fatores históricos do comércio do polo de confecções, dando ênfase a cidade de Toritama-PE, visando identificar os desafios dos trabalhadores em relação à produção de seu respectivo espaço urbano.

ESPECÍFICOS

- Observar o processo histórico da consolidação do polo de confecções do agreste; analisar as principais dificuldades dos trabalhadores em relação às mudanças governamentais; avaliar a influência das políticas públicas sobre a vida dos trabalhadores.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esse relatório consiste na pesquisa quali-quantitativa, direcionada através da coleta de dados realizada por meio de questionários aplicados com 20 comerciantes. O mesmo foi composto por três perguntas fechadas voltadas às últimas mudanças propostas pelo governo municipal. A primeira voltada a verificar se os vendedores gostaram da modificação na estrutura. A segunda proposta a identificar os agentes responsáveis pela mudança e a terceira focada em quem seria o maior beneficiário disto tudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme os resultados dos gráficos 1, 2 e 3

Gráfico 1: A percepção popular sobre a modificação da feira.



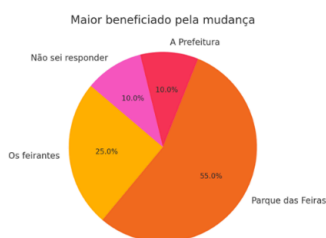
Fonte: Nascimento, 2025.

Gráfico 2: Quem são os Responsáveis pela mudança da feira?



Fonte: Nascimento, 2025.

Gráfico 3: Quem foi mais beneficiado com a mudança da feira?



Fonte: Nascimento, 2025.

A grande maioria das respostas vão da não aceitação dos feirantes em relação à medida imposta pelo poder público local, a mudança do local e a estrutura pouco eficiente, demonstra a percepção dos feirantes a uma tentativa de retirada deles da frente do parque das feiras que é de natureza privada. Essa configuração é ressaltada nas respostas do terceiro gráfico que explica que o maior beneficiário dessa modificação é o poder privado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos supracitados, foi possível perceber como a cidade é constituída e para quem a mesma está a serviço. O exemplo toritamense é apenas mais um de tantos outros que ocorrem nas mais diversas espacialidades deste país. O arranjo produtivo do agreste surge como a mola propulsora que define, molda e introduz vieses de poucos em cima de muitos. A lógica do espaço capitalista dinamizado pelo intermédio dos agentes produtores, na visão dos entrevistados, condicionou o poder público a interceder perante o setor privado. Deixando quem mais precisa na mão de uma segregação ‘’mascarada’’ do espaço que deveria ser de natureza coletiva. Para a maioria dos entrevistados, o governo retirou, transformou e delimitou a área que ele acha interessante para aquele determinado público.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. História do homem do nordeste. São Paulo: Brasiliense, 1963.

BARROS, Izabelle Sousa. O cenário do Pólo de Confecções do Agreste de Pernambuco. In: III ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SENAC PE, 2009, Recife. Anais... Recife: Faculdade Senac Pernambuco, p. 4, 2009. Disponível em:

https://faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/III/anais/comunicacao/015_2009_ap_oral.pdf. Acesso em: 23 maio 2025

BEZERRA, E. Trabalho de mulher, trabalho de homem no polo de confecções do agreste de Pernambuco. 2018. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018.

CORRÊA, R. L. O Espaço Urbano. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

MILANÊS, R. Aqui é muito fácil começar um negócio: trajetórias empresariais no mercado de roupas do Agreste de Pernambuco. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 8., 2019, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2019.